



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)  
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

## **Rádio Mariposas - Guerreiras pela Liberdade<sup>1</sup>**

Maria Flora Ribeiro Costa Medeiros<sup>2</sup>

Milleny Cordeiro de Almeida<sup>3</sup>

### **Resumo**

O presente relato refere-se à implantação de uma rádio-pátio dentro do Centro de Inserção Social Consuelo Nasser, presídio feminino de regime fechado, localizado no Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia. A rádio Mariposas – Guerreiras pela Liberdade foi construída por alunas das disciplinas de Radiojornalismo e Comunicação e Cidadania do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás, em conjunto com as presidiárias do CISCN. A partir da produção de programas radiofônicos, as custodiadas foram levadas à reflexão sobre o papel delas na sociedade e a se localizarem na realidade em que estão submetidas, a partir das perspectivas de cidadania e direitos humanos, em um amplo debate sobre conceitos que dialogam com as vivências delas e experiências vividas por elas.

**Palavras-chave:** radiojornalismo; prática jornalística; mulheres encarceradas; reflexão; exercício de cidadania.

Em 2014, o Estado de Goiás apresentava um número de 684 mulheres privadas de liberdade. Em abril de 2015 eram 804 presas, quantidade apresentada pela Coordenação de Dados Estatísticos Infopen/GO da Superintendência Executiva de Administração Penitenciária de Goiás. A maioria dessas mulheres é negra (67%), jovem e mães. Elas pertencem a uma classe social econômica baixa, possuem baixo nível de escolaridade e cumprem pena por tráfico de drogas (80%) (MEDEIROS, 2015).

De acordo com dados divulgados no Relatório do último Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, Infopen (2015), o Brasil possui 238 estabelecimentos mistos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na modalidade relato do Grupo de Pesquisa Atividades de Extensão, do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO. Email: floraribeiro2@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo, email: milleny.cordeiro.almeida@gmail.com

(17%) e apenas 103 estabelecimentos femininos (7%). Em Goiás, o único presídio exclusivo para mulheres é o Centro de Inserção Social Consuelo Nasser. Um estabelecimento de regime fechado que integra o Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia e que, de acordo com o último dado disponível, comporta 64 mulheres.

A partir de uma rápida interpretação dos dados é possível concluir que a demanda é bem maior que a oferta. A maioria das mulheres encarceradas cumpre pena em estabelecimentos mistos. Elas não só dividem ambientes com os homens, também são tratadas como eles. No entanto, essa realidade também se repete em presídios femininos, onde as encarceradas não têm acesso a elementos básicos da saúde feminina, como consultas ao ginecologista, por exemplo. Algo que é garantido na Lei de Execução Penal.

Foi com o objetivo de vivenciar essa realidade e compreender os medos, anseios, dores e alegrias dessas mulheres que, a partir da proposta da Professora Maria Flora Ribeiro Costa Medeiros e do Professor Nilton José dos Reis Rocha, das disciplinas de Radiojornalismo e Comunicação e Cidadania, respectivamente, cinco estudantes do curso de jornalismo da Universidade Federal de Goiás (Beatriz da Silva Oliveira, Elisama Costa Ximenes, Letícia Póvoa Vargem, Milleny Cordeiro de Almeida e Nayara Cunha de Urzêda) adentraram nas dependências do Consuelo Nasser com expectativas que logo seriam quebradas – muitas delas.

A primeira é que as alunas não tinham muito a ensinar, mas sim a apreender e aprender. Mais do que estatísticas, o Consuelo comporta histórias de mulheres marcadas por relações sociais em conflitos com violências, marginalização, criminalidade, gênero, maternidade, família, educação, saúde, sexualidade e outras questões. As trocas didáticas e pedagógicas durante todo o processo de elaboração e execução dos programas resultaram em experiências pessoais enriquecedoras para alunas e custodiadas.

O objetivo geral da produção dos programas era despertar nas detentas a reflexão sobre a complexidade e contradições da realidade em que elas estão inseridas. A apropriação da metodologia do jornalismo em rádio permitiu trabalhar a socialização e suscitar a disposição ao conhecimento prático agregando valores, bem como experiências individuais e coletivas, de um modo coloquial, sem censuras e impessoalidade.

Nesse sentido, buscou-se construir, de acordo a técnica jornalística, programas radiofônicos de forma conjunta e compartilhada com as custodiadas, para que fosse exercida a percepção delas sobre elas próprias, de como se enxergam na sociedade e dentro da realidade na qual vivem. Além de provocar questionamentos e reflexões nas custodiadas sobre o futuro e as perspectivas em relação às suas próprias vidas.

Ao considerar que o processo comunicacional imprime o fator social, este projeto se reveste de uma importância científica ímpar ao possibilitar, por meio do exercício do jornalismo em rádio, o empoderamento das detentas a tal ponto que elas se tornam comunicadoras da própria realidade e, de alguma maneira, começam a se autoperceberem como cidadãs e a reelaborarem seus próprios conflitos de uma maneira ainda não exercitada. A rádio-pátio, portanto, foi o meio encontrado para a efetivação de tal proposta, porque não há meio de transmissão dentro daquele presídio, visto que há o impedimento parcial ou total por parte dos bloqueadores de sinal de comunicação das ondas ali instaladas.

Mas o empoderamento objetivado não se daria apenas pela forma, ou seja, pela operacionalização técnica de uma rádio; foi necessário cuidar do conteúdo. Viu-se, então, que um programa de único tema não daria conta da complexidade de assuntos a serem discutidos em tal espaço. Por isso, pensou-se em programas com temas grandes, porém, divididos em quadros com subtemas que cortassem os primeiros.

Para pensar os temas dos quadros (que eram fixos) e, depois, dos programas, foi necessário refletir sobre os assuntos de interesse da mulher, mas, mais especificamente, de uma mulher encarcerada e ainda mais marginalizada. Portanto, falar da sexualidade era essencial para entender o gênero e falar de educação e trabalho para fazê-las refletir sobre as experiências delas e mediar suas percepções sobre aquela realidade e sobre elas mesmas, numa percepção das contradições do exercício da cidadania e de interpretações sobre direitos humanos e mesmo a observação sobre a vivência no presídio e a convivência entre elas.

Desse modo, ressalta-se aqui a relevância científica-social do trabalho realizado. Importa ainda informar que, na revisão bibliográfica realizada como um dos objetivos do projeto, observou-se uma escassez de trabalhos acadêmicos-científicos que abordem a temática.

Os procedimentos metodológicos utilizados na realização do projeto baseiam-se em levantamento bibliográfico, rodas de conversa e oficinas de rádio. De acordo com Travancas (2010, p. 100), o levantamento bibliográfico é importante porque é preciso estar “minimamente ‘iniciado’ no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de ‘entrar’ nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar”.

Dessa forma, foi possível o conhecimento sobre a Lei de Execução Penal, além de artigos científicos e textos que trazem as reais situações em que vivem as mulheres encarceradas no Brasil, e tratam de assuntos intrínsecos a essa realidade, como gravidez, trabalho, saúde, educação e criminalidade.

A partir disso, nos primeiros encontros com as presidiárias, foram realizadas pequenas rodas de conversa como método de ensino e aprendizagem, onde se discutia os temas que poderiam ser tratados em cada programa. Spink, Menegon e Medrado (2014, p. 34) defendem que a roda de conversa como uma ação em grupo possui um caráter político e transformador, cujo espaço é privilegiado para estudar “relações de poder que controlam, selecionam e organizam enunciados, bem como produzem regimes de verdade e formas de resistência”.

Em relação à parte prática do projeto, o procedimento adotado foi uma oficina de rádio realizada no CIS Consuelo Nasser a fim de introduzir as presidiárias na produção radiofônica e colocá-las em contato com mesa de áudio, microfones, gravação de vinhetas, música e edição. Oficinas de linguagem radiofônica, roteiro e vinhetas também foram realizadas, onde elas puderam ter contato com roteiros de programas e compreender cada parte que forma esse todo que é o programa radiofônico.

As oficinas permitem a troca de experiências entre os sujeitos participantes, além da produção de conhecimentos e reflexões. De acordo com Spink e Medrado (apud SPINK; MENEGON e MEDRADO, 2014, p. 34), “as oficinas são práticas discursivas, ou seja, compreendem maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos sobre fenômenos a sua volta e se posicionam em relações sociais cotidianas”.

A partir da metodologia aplicada, três programas foram produzidos, os quais abordaram os seguintes temas: educação e trabalho, sexualidade e drogas, gravados nesta ordem. Cada programa foi dividido em quatro quadros: Bem-estar, voltado à saúde das custodiadas; Encontro Real, para que elas mesmas pudessem contar suas histórias e vivências; Eu Existo, voltado à cidadania e conscientização da presidiária enquanto cidadã; e Heroínas da Fé, um momento de orações e louvores, destacando a fé sem impor doutrinas religiosas, uma vez que o grupo realizador do projeto percebeu o quanto a religião era um fator importante para as detentas e o alto grau de devoção religiosa presente no ambiente. Todos os quadros e nomes deles foram discutidos em conjunto com as participantes, sugeridos e definidos por elas num processo de votação.

A apresentação dos programas produzidos foi pensada de forma a incluir as custodiadas do CIS como locutoras, entrevistadoras e entrevistadas, utilizando a locução das estudantes como auxílio. As vinhetas também foram pensadas e gravadas pelas custodiadas, sob a mediação das alunas. Foi utilizada linguagem informal, para que tanto as custodiadas quanto as estudantes pudessem utilizar a linguagem mais familiar e cotidiana, muito própria da fala no rádio que imprime as características da coloquialidade e da pessoalidade.

Foram usados os seguintes equipamentos para gravação dos programas: caixa amplificadora de som, cabos p2 – RCA, cabos p2-p2, cabos p2-p10, cabos de microfone, microfones, notebooks com o programa de edição Audacity, em que eram gravados os programas e editados posteriormente, fontes para notebook e fonte para a caixa de som.

A troca de vivências entre estudantes e presas levou a desconstrução de estereótipos equivocados e a uma maior preocupação de, como mediadoras de realidade, ter discurso apropriado e o mais isento possível de pré-conceitos ao falar sobre aqueles, com aqueles e para aqueles que são silenciados na sociedade.

Assim, além da prática jornalística, é possível exercitar a função social do Jornalismo como agente capaz de influenciar a transformação social e fazer parte do processo de (re)inserção e de estímulo do resgate da emancipação e autonomia dessas mulheres afim de que possam sentir-se empoderadas para a transformação de suas próprias vidas dentro do presídio e para um futuro de maior dignidade humana.

### **Referências Bibliográficas**

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen Mulheres**. Disponível em [www.justica.gov.br/politicapenal](http://www.justica.gov.br/politicapenal). Brasília, 2014.

MEDEIROS, Maria Flora Ribeiro Costa. **Gênero e Comunicação - Uma análise da representação de gênero construída pelo imaginário de mulheres presas na recepção de notícias em que elas aparecem como protagonistas de crimes**. Goiás, 2015.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. **Oficinas como estratégias de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas**. Revista Psicologia & Sociedade. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/05.pdf>.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs.). Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2 Ed. São Paulo: Atlas, 2010